**O mal narrado por uma criança**

Em Festa no Covil, Juan Pablo Villalobos traz o narrador infantil Tochtli, filho do chefão do narcotráfico mexicano Yolcaut. Tochtli é apenas uma criança que lê dicionário antes de dormir, coleciona chapéus, vive fechado em um palácio, fala de cadáveres e deseja ter um hipopótamo anão da Libéria. O ponto de vista infantil sobre o mundo cruel do narcotráfico problematiza o conceito de infância. Dá a sensação de agonia ao despencar do conceito que todas as crianças estão com olhos protegidos da violência.  
 O mal é narrado por uma criança com humor, horror e admiração. Tochtli apresenta um parcial desconhecimento do mundo em que vive, os seus valores resultam da admiração ao pai. A todo momento Tochtli quer demonstrar ao pai que é um macho “Outro dia apareceu no nosso palácio um homem que eu não conhecia, e o Yolcaut quis saber se eu era macho ou não era macho. O homem estava com o rosto sujo de sangue e na verdade olhar para ele dava um pouquinho de medo. Mas eu não falei nada, porque ser macho quer dizer que você não tem medo e se você tem medo é um maricas.”  
Tochtli admira o corte preciso da guilhotina do povo francês, é estranho uma criança achar delicado uma cabeça cortada cair dentro de um cesto “Na guilhotina colocam uma cesta bem debaixo da cabeça do rei. Aí os franceses deixam a lâmina cair e a cabeça cortada do rei cai na cesta, sempre tão delicados. Além de tirarem a coroa do rei para não amassar, tomam cuidado para a cabeça não escapar rolando.” Por viver em um mundo fechado que apresenta valores passados, Tochtli não entende e muito menos sabe dos valores contemporâneos que percorrem as ruas fora do palácio que reside.  
 O entusiasmo de Tochtli ao falar da guilhotina dos franceses, dos samurais japoneses não é o mesmo ao falar do seu país de origem, o México “Parece que o país Libéria é um país nefasto. O México também é um país nefasto. É um país tão nefasto que você pode não conseguir um hipopótamo anão da Libéria. O nome disso é ser de terceiro mundo.” Tochtli também acentua que “...às vezes o México é um país magnífico onde a gente pode fazer ótimos negócios” os “negócios” que ele se refere com desconhecimento é o narcotráfico.  
Tochtli apresenta por meio de sua narração um confinamento dentro de si, ele é prisioneiro da sua inocência e de seu olhar que não enxerga a tamanha crueldade que acontece no palácio. Os mistérios e os enigmas dos mudos encantam Tochtli, porque com o silêncio a pessoa não precisa dar explicações, suas desilusões e dores ficam presas nas palavras não ditas “O que acontece é que com silêncio a pessoa não pode dar explicações.”  
 O cerne da solidão de Tochtli é amenizada por sua imaginação, por exemplo, colocar um chapéu de detetive e se achar capaz de investigar os mistérios do palácio “Eu tenho muitos chapéus de detetives, três. Eu os uso toda vez que descubro que estão acontecendo coisas misteriosas no palácio. E começo a fazer pesquisas investigativas, sigilosamente.” A realidade assusta, por isso fechar os olhos diante dessa indomável e bruta realidade é uma forma de aniquilar a crueldade da vida.  
 No mapa latino- americano, a narcoliteratura demonstra a crueldade pelas entranhas mais sujas e nojentas, como acontece no conto Prefiguração de Lalo Cura de Roberto Bolaño, onde os personagens são imorais e para eles não tem importância se matam para ganhar dinheiro, se estão perto do inferno, não respeitam nada e nem ninguém além do dinheiro. Comparando a narrativa do Roberto Bolaño com a do Juan Pablo Villalobos, percebe-se o choque que dá ao perceber o olhar da criança em meio ao caos do narcotráfico. Um adulto narrando o porão totalmente sujo e obscuro da sociedade não ocasiona tanto impacto quanto uma criança inocente narrando a sua vida em uma casa com revólveres, cocaína, muito dinheiro, execução e sem uma figura materna.